



"Scotland forever", Elizabeth Thompson, 1881

Waterloo na Consoada

Paulo Faria

Os pais distribuem os presentes junto à árvore de Natal de plástico, uma oferta de uma tia emigrada na América. Um objecto ostensivamente caro, disforme, colossal. Cada um dos rebentos verdes e luzidios do abeto sintético encaixa no respectivo galho de arame grosso. Tudo é desmontável, até o tripé que lhe serve de base. Esta árvore, que nos chegou pelo correio, é uma justificação e um clamor de triunfo. Valeu a pena ir morar para tão longe de casa. Mas nós não arredamos pé de Lisboa, não nos deixamos tentar pelos cantos de sereia do plástico colorido.

De soslaio, eu e os meus irmãos vigiamo-nos mutuamente à medida que os pais nos vão estendendo os presentes, por ordem crescente de idades. Comparamos o valor relativo das diversas dádivas. Procuramos extrair ilações de cada vez que vemos esfrangalhar-se o papel de mais um embrulho. Preparamo-nos para a batalha decisiva. Somos veteranos de

guerras em planícies alcatifadas a perder de vista. Pedimos licença para ir brincar, os pais dizem que sim, que podemos ir. Que não querem barulho. Principalmente, nada de barulho. Mal chegamos ao quarto, distribuímos os papéis. Eu faço de Napoleão, tu serás Wellington, e tu vais para ali, para aquele canto afastado, e fazes de Blücher. «E eu?», pergunta o terceiro irmão da lista, o penúltimo. «Tu és Grouchy, vais para o corredor.» Uma mão

prestável oferece a Wellington um óculo de ver ao longe, daqueles antigos, que se desencaixam e depois tornam a encolher, mas tão especial que, ao olharmos por ele, as coisas mexem e parece que ganham vida. É, na realidade, um tubo de latão cheio de uma limalha de plástico colorido, um caleidoscópio. Espreita-se pelo buraco a contraluz, roda-se, o jogo de espelhos forma desenhos simétricos, o cérebro preenche os espaços em branco. Não precisamos de atravessar o oceano até à terra do plástico colorido, ela vem ter

64



À falta de cavalos dignos desse nome, a cavalaria francesa são dois dromedários de plástico, montados por chimpanzés de sabre em riste.

▶ conosco todos os Natais. Na sala, a televisão está ligada, o som muito alto, mas, por cima deste ruído, o meu pai parece gritar com a minha mãe. Incorporamos estes sons na brincadeira. São os clamores da retirada da Rússia, são os brados de desespero dos retardatários que não atravessaram o Beresina quando tiveram oportunidade e que agora agonizam na água gelada. Começa a batalha. Na primeira linha, em lugar de destaque, os presentes que cada um de nós recebeu. A catapulta de plástico, a boneca, o livro da Anita, a pistola que dispara setas. À falta de cavalos dignos desse nome, a cavalaria francesa são dois dromedários de plástico, montados por chimpanzés de sabre em riste. Sobre o pêlo da alcatifa formou-se prontamente o quadrado inglês, composto por uma bicharada heterogénea – foi o melhor que se conseguiu arranjar. Lá no seu canto, Blücher dispõe de uma chusma de bonequinhos, mas acantonou-os dentro de um forte de brincar do velho Oeste



Às vezes, em certas pranchas, vêm-se as pernas da mãe da Anita, uns sapatos de salto alto e, atrás, a costura das meias. Nada mais.

e tarda em fazê-los sair. Visto pelo óculo, por entre as pernas das camas, parece à espera não se sabe bem de quê. Para matar o tempo, lemos o novo livro da Anita. Temos a colecção quase inteira. Voltamos as páginas, na esperança de ver aparecer os pais. Nada. Tal como nas outras histórias da Anita, os pais dela não surgem. Saíram, ausentaram-se, deixaram-na sozinha, a tomar conta do irmão bebé ou a fazer a lida da casa. Ou então mandaram-na fazer uma longa viagem de avião ou de comboio, sem que ninguém a acompanhasse, como se ela fosse uma adulta em ponto pequeno. Às vezes, em certas pranchas,

vêm-se as pernas da mãe da Anita, uns sapatos de salto alto e, atrás, a costura das meias. Nada mais. Somente umas pernas sem rosto, sem mãos. Às vezes, na última página, o narrador diz-nos que os pais da Anita estão prestes a chegar. Já se ouve o carro lá fora, a porta da casa abre-se, ei-los. Mas nunca aparecem.

Da sala chega agora o ruído distante de loiça a partir-se. Já aconteceu antes. Porém, nessas ocasiões, quando entrámos na sala, passadas umas horas ou na manhã seguinte, não havia o mais pequeno vestígio do tumulto. Nem um caco que nos desse a certeza de não ter sido tudo mera ilusão. E a loiça, os pratos e os copos, pareciam os mesmos na refeição seguinte, anódinos como a comida. Aproveitamos mais este ruído enquanto ele não se dissipa, incorporamo-lo na brincadeira. É o estrépito das cargas de infantaria.

Grouchy não quer permanecer no corredor. Entra no quarto, trazendo os peluches que compõem o seu batalhão.

Alguém fez chichi na alcatifa. Há uma grande mancha, escura e circular, no azul do campo de batalha. Deito-me ao comprido no chão, de bruços, e sinto na face o frio da urina. Um de nós chora, mas depois bate num irmão mais novo e deixa de chorar, porque se sente melhor.

Caiu a noite, é muito tarde, já deve ser dia vinte e cinco de Dezembro. Levanto-me e caminho em passo cauteloso, evitando pisar os pequenos cadáveres. Saio do quarto e, mal cruzo o limiar, uma bala vem cravar-se-me na testa e trespassa-me o cérebro. Eis que chegam finalmente os prussianos. ●●

PUB.

66

Bristol School.
Instituto de Línguas do Fundão



teaching, you will enjoy learning!

Equipa de professores altamente proficientes em línguas e bastante motivados.

ILF: 33 anos de vida!

- Ensinamos Inglês, Alemão, Francês, Espanhol, Italiano, etc
- Preparamos para os exames internacionais da Universidade de Cambridge FCE / CAE / CPE
- Exames feitos nas nossas instalações (Fundão ou Covilhã)
- Damos apoio gratuito para o teste da escola oficial
- Organizamos cursos de verão no Reino Unido e nos EUA

COVILHÃ
Rua Centro de Artes,
Lote 7 – Loja A
6200-505 Covilhã
Tlm: 962 805 858

FUNDÃO
Rua Frei Diogo da Silva,
Lote 3 - B
6230-214 Fundão
Tlm: 961 359 214

Inscribe-te!